

IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

A Impermanência na Arquitetura Contemporânea: Fidalga 772 Andrade Morettin.

SESSÃO TEMÁTICA: VIDA INTERIOR

Thiago Lorente
Universidade Presbiteriana Mackenzie
thiagolorente@hotmail.com

Rafael Antônio Cunha Perrone
Professor livre-docente da FAU da Universidade de São Paulo e professor adjunto da FAU da
Universidade Presbiteriana Mackenzie.
racperrone@gmail.com

A IMPERMANÊNCIA NA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA: FIDALGA 772 ANDRADE MORETTIN.

RESUMO

O edifício FIDALGA 772 projetado pelo escritório Andrade Morettin Arquitetos, situado no bairro da Vila Madalena em São Paulo possui uma solução de projeto peculiar, ela contempla a impermanência (qualidade do que não é permanente). Assim se constrói para que com o passar do tempo possa se modificar e não se tornar inadequada. Desta maneira possui certa estabilidade, estabilidade esta capaz de adaptar-se ao longo do tempo.

A permanência de um edifício deriva das possibilidades de sua impermanência. Atribuindo um papel importante na hora de projetar e afeta também as materialidades que podem proporcionar esta impermanência.

O artigo discute a questão do tempo no projeto Fidalga 772, sobre esse aspecto pelo qual a arquitetura inserida na contemporaneidade saiba se posicionar num universo de rápidas transformações funcionais e culturais. O artigo foca no edifício Fidalga 772 como exemplar que reconhece tanto as abstrações do modernismo, como as singularidades do mundo contemporâneo. Sobretudo as transformações no tempo com agilidade que exige uma materialidade móvel, flexível e que incorpore reorganizações.

A contribuição do artigo para a sessão temática Vida Interior se dá pela relação entre as transformações dos espaços internos e suas impermanências gerando possibilidades de permanência da Arquitetura.

Palavras-chave: Projeto de arquitetura. Impermanência. Edifício Fidalga 772.

IMPERMANENCE IN CONTEMPORARY ARCHITECTURE: FIDALGA 772 ANDRADE MORETTIN.

ABSTRACT

The building FIDALGA 772 designed by Andrade Morettin Arquitetos, located in the neighbourhood of Vila Madalena in São Paulo has a unique design solution. It contemplates the impermanence (quality of which is not permanent). Thus is constructed so that as time goes by it can be changed, in order not to become inadequate and thus has some stability, stability that can be adapted from time to time.

The permanence of a building derives from the possibilities of its impermanence. Assigning an important role when designing and also affects the material issues that can provide this impermanence.

The article discusses the issue of time in Fidalga 772 project, on this perspective by which the inserted architecture in contemporary can take a position in a world of rapid functional and cultural transformations. The article focuses on Fidalga 772 building as an example that recognizes both the abstractions of modernism, as the singularities of the contemporary world, but mainly all the changes in time with agility that requires a changeable materiality, flexibility and including reorganizations.

The contribution of the article to the thematic session Inner Life is given by the relationship between the changes of the internal spaces and their impermanency generating possibilities of a remaining architecture.

Keywords: Architectural project. Impermanence. Edifício Fidalga 772.

1. A IMPERMANÊNCIA

A impermanência está ligada ao contemporâneo assim como definiu Argamben (2009) “O contemporâneo é o intempestivo”, equivale dizer o inesperado, o impermanente, aquilo que possibilita o porvir.

A impermanência pretende uma constante relação com o seu próprio tempo. Almeja pertencer verdadeiramente ao seu tempo, é contemporânea. Através da impermanência que a arquitetura busca em uma época de constantes transformações não tornar-se inadequada. Propõem-se ser de certa forma sempre contemporânea.

Para perceber e apreender o tempo, não poderemos manter um olhar fixo para uma única solução. Logo a flexibilidade de alguns elementos é uma ferramenta para proporcionar a impermanência, mas não é a própria permanência.

2. ARQUITETURA E O TEMPO

A modernidade transformou o modo de lidar com o tempo, graças ao aumento da velocidade de deslocamento dado pela revolução industrial. Essa velocidade foi ampliada na contemporaneidade, e modificou tanto no que diz respeito a velocidade de deslocamento do homem como na impermanência dos valores e comportamento. Essa temporalidade gera uma nova relação com o modo de construir a permanência. Neste aspecto que a arquitetura inserida na contemporaneidade saiba se posicionar em um universo de rápidas mudanças funcionais e culturais.

Ela contempla a impermanência e desta maneira se constrói para que com o passar do tempo possa se modificar para não se tornar inadequada. Possui certa estabilidade, estabilidade esta capaz de adaptar-se ao longo do tempo.

A impermanência de um edifício passa a ter um papel importante na hora do projeto e afeta também as materialidades que podem proporcionar esta impermanência.

Pertinente esclarecer que toda arquitetura movimenta-se no tempo e em muitos casos reorganiza-se ao longo de sua existência, a questão é como a arquitetura contemporânea, diante de uma época de rápidas transformações, permite a possibilidade de variações, ainda que existam elementos permanentes que a organizam.

A era industrial com transformações científica e tecnológica modificou profundamente a vida humana e abriu novas possibilidades na ordenação da vida cotidiana. O desenvolvimento dos métodos de produção em massa tornaram acessíveis esta tecnologia para uma ampla camada da sociedade.

O homem pode se deslocar de forma veloz e a expressão de Marinetti “O Homem Multiplicado pelo Motor” mostra como o aumento da velocidade afetou a vida humana. (BANHAM 2006)

A vanguarda modernista atenta a velocidade e amparada pela abstração da visão de mundo moderna configurou, muitas vezes, uma arquitetura sem vínculos com o território. Desenraizando cultural e urbanisticamente edifício e entorno. Uma espacialidade estável, porém flexível. Em outras palavras o móvel é considerado porém não altera a materialidade fixa. Evidente que a planta livre decorrente da separação da estrutura e da vedação proporcionou essa flexibilidade.

A lógica industrial impunha padrões e regras, uma normatização de elementos reproduzíveis, talvez desdobrados, não havendo espaço para a singularidade (BOGÉA 2009). Essa rigidez da lógica mecanicista que permeou a arquitetura moderna fica cada vez mais questionada com o aumento da velocidade das transformações do mundo contemporâneo. Exigem-se assim novas proposições para que o projeto incorpore soluções

que permitam novas temporalidades. Ou seja impermanências que possibilitem uma maior capacidade de ajustamentos. (BOGÉA 2009).

Podemos fazer um contraponto aos projetos construídos como uma caixa estanque, na qual sobra muito pouco espaço para a intervenção, modificação ou flexibilidade do espaço. Restando apenas o papel que Michel de Certeau definiu como consumidor-esfinge, onde não existe lugar para o consumidor marcar sua atividade. Ele é afastado, tornando apenas um usuário invisível.

Igor Guatelli no livro *Arquitetura dos Entre Lugares* (2012) argumenta sobre como os arquitetos enxergam o projeto de arquitetura como algo ordenador e organizador dos espaços e essa postura rígida elimina a condição da impermanência. Guatelli parte do pensamento derridiano em relação a linguagem e faz um paralelo pertinente.

Defensor de uma linguagem de ambiguidades, instável, composta por diferentes matrizes, de convenções variadas, capaz de significar e ressignificar incessantemente, Derrida estaria, portanto em desacordo com o apego quase incondicional dos arquitetos ao controle das pertinências cabidas aos espaços gerados pelo ato ordenador e organizador do projeto arquitetônico com suas regras e prescrições normativas. (GUATELLI 2012)

Peter Eisenman tratou da impermanência na arquitetura em um texto publicado na revista *Domus* número 734 de janeiro de 1992, intitulado de *Visões que se desdobram*. Neste texto Eisenman argumenta sobre a mudança de relação entre o sujeito e o objeto.

Para que tal deslocamento seja efetivo um caminho seria a possibilidade de desvincular o sujeito da racionalização do espaço, ou permitir ao sujeito uma visão do espaço que não seja subordinada a construção mental da visão. O espaço “olha de volta” para o sujeito.

A conceituação possível destes espaços seria a separação do que se vê e do que se sabe, como a ideia de dobra em Deleuze, que não contem nenhum tipo de sequência linear e narrativa. Ao contrário, a dobra possui um caráter de não visto e altera o espaço tradicional da visão. Ela possui tanto o caráter efetivo (funciona, abriga, significa, enquadra, produz um efeito estético) como o caráter afetivo.

Ao projetar os espaços sem algum nível de significação a razão se desvincula da visão e o sujeito não detém mais uma função discursiva. O espaço que retorna o olhar até o indivíduo com uma visão própria.

Este caminho radical proposto por Eisenman de espaços sem a visão discursiva contem, de certo modo, a ideia de espaços que se desdobram ao longo do tempo e ativa o que Deleuze chamou de espaço Liso, isto é, a ideia de espaços abertos à impermanência.

O Edifício Fidalga ao proporcionar a impermanência lança um suporte de suposições, desta maneira a relação interior e exterior não faz mais parte da decisão do arquiteto e consequentemente deixa de ser uma proposta totalizadora. Passa a ser uma proposta de fragmentos, sem normas ou regras a priori.

O que ganha força neste processo é a significação, onde o morador defini o que estava indefinido. Mesmo uma vez definido pelo usuário o edifício continua a proporcionar a partir do existente uma nova ressignificação. Existe um certo deslocamento do objeto, a importância não está no objeto construído, mas o que ele produz além dele.

Herman Hertzberger no livro *Lições de Arquitetura* (1999) reflete sobre a influência que exercemos nos objetos a nossa volta está intimamente ligada a afeição que sentimos por eles. E só podemos sentir afeição pelas coisas que nos identificamos e projetamos nossa própria identidade.

Marta Bogéa no livro *Cidade Errante: Arquitetura em Movimento* está atenta a questão do tempo no mundo contemporâneo, e sobre esse aspecto que a arquitetura faz uma revolução.

Uma mobilidade ampla, não apenas a de deslocar corpo no espaço, compreende a possibilidade de apresentar variáveis, um movimento que ocorre no tempo. O movimento como questão de espaço que com o passar do tempo se organizam.

Apesar da ideia de movimento e transformação não ter nascido no bojo da contemporaneidade, ela se intensifica juntamente com os valores e comportamentos contemporâneos. Nos parece fundamental resgatar algumas propostas anteriores com este caráter.

Os arquitetos do Team X, ainda na década de 1950, propuseram formas adaptáveis a realidade em transformação, permitindo modificações ao longo do tempo. Essa vontade de projetar uma arquitetura aberta a intervenções modeladora do tempo e próxima da realidade existente levam a dois tipos de lógica: os Cluster e os Mat-buildings. Ambos possuem uma impermanência funcional, podendo crescer e se repetir ilimitadamente.

Especialmente nas investigações de Peter e Alison Smithson vemos as preocupações em ter versatilidade e capacidade de imprimir uma identidade a cada edifício. Optam pela dissolução do objeto único com uma expressão da identidade e a capacidade de adaptação a cada contexto

Os edifícios são passíveis de crescimento e portanto ajustam-se a diversidade do tecido urbano e as irregularidades da topografia.



Figura 1: Cluster, concurso Berlin Hauptstadt, Alemanha 1957
Fonte: (MONTANER 2009), p. 93.

Outra ideia que surgiu foi a do edifício em malha, ou Mat-buildings, esses edifícios crescem a partir do interior de maneira horizontal. Ao invés do crescimento que parte do interior para o exterior e com tendência a verticalidade do Clusters. Os edifícios com a ideia de Mat-buildings crescem em direção ao interior de maneira entrelaçada de uma malha e com a flexibilidade de um tecido.

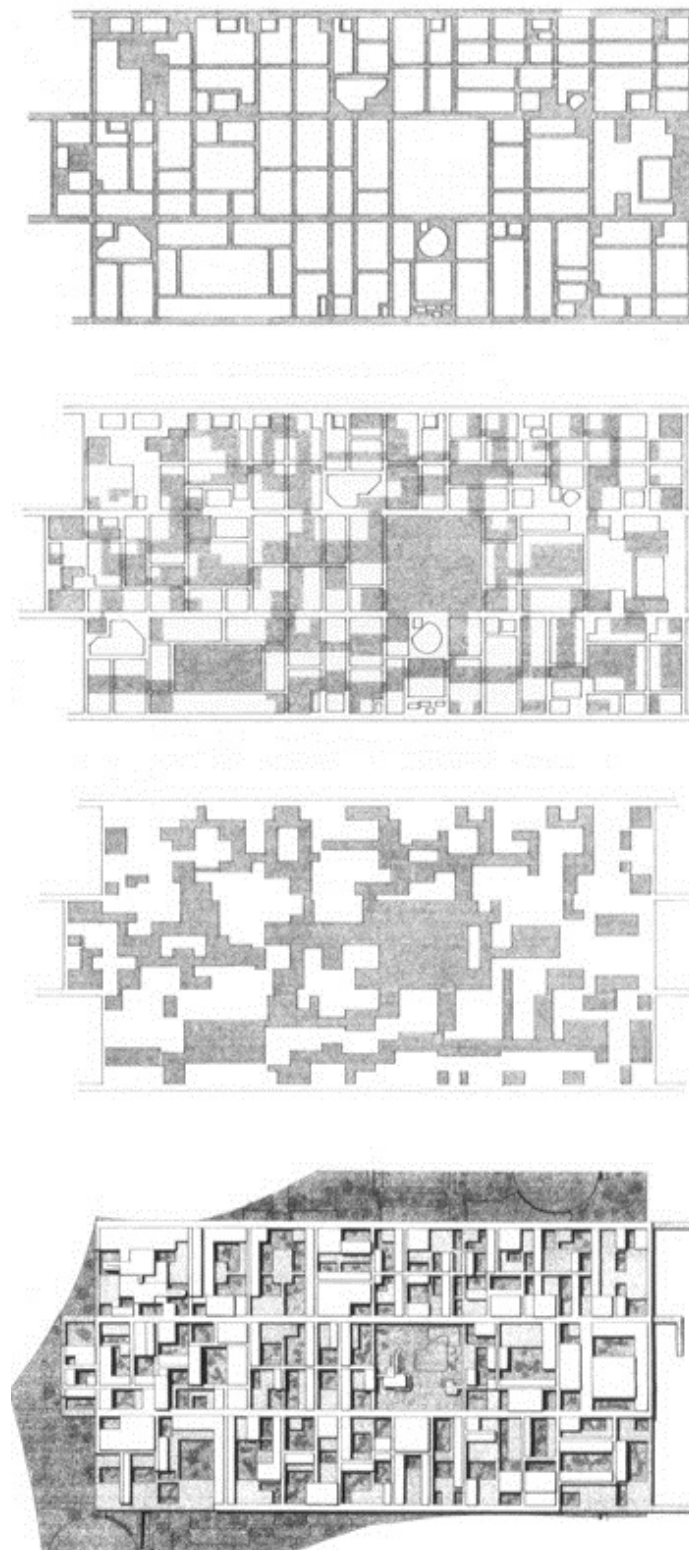


Figura 2: Mat-buildings Freie Universität, Berlim, Alemanha, 1963-1979.
 Fonte: Architectural Review. Disponível em <http://www.architectural-review.com/archive/viewpoints/the-strategies-of-mat-building/8651102.fullarticle>. Acessado em 07 de maio de 2016.

Durante os anos de 1960 e 1970 eclodem as Megaestruturas, elas estão ligadas ao aprofundamento da complexidade do espaço e são viabilizada pelo avanço tecnológico. Esses complexos arquitetônicos, geralmente multifuncionais possuem como alguns antecedentes o Plano Obus e a Unidade de Habitação de Marselha de Corbusier, as Geodésicas de Buckminster Fuller e as propostas do Grupo Archigram. Essa ideia de megaestrutura desenvolveu-se também no metabolismo Japonês (MONTANER 2009)



Figura 3: Nakagin Capsule Tower, Tóquio.

Fonte: Archdaily. Disponível em <http://www.archdaily.com.br/01-36195/classicos-da-arquitetura-nakagin-capsule-tower-kisho-kurokawa>. Acessado em 07 de maio de 2016.

Estes arquitetos da década de 1960 e 1970 propuseram as megaestruturas no intuito de contemplar a mobilidade juntamente com a ideia de totalidade, e assim um fechamento inequívoco. Hoje esta intenção de totalidade não faz tanto sentido, pois a crítica do século XX nos ensinou que os sistemas para serem efetivos e de certo modo duráveis devem ser abertos ao ponto de se inventar a cada caso, a cada tempo. A impermanência proporciona um maior tempo de duração, não porque se mantem exatamente como estão e sim porque sabem se redefinir nas suas bases. (BOGÉA 2013)

3. FIDALGA 772 ANDRADE MORETTIN.



Figura 4: Perspectiva – Vista frontal
Fonte: Desenho do autor

3.1 O PROJETO

Localizado na rua Fidalga número 772, no bairro Vila Madalena, zona oeste da cidade de São Paulo, o edifício Fidalga 772 é o segundo projeto do escritório com a incorporadora IDEA!Zarvos.

O edifício residencial possui 12 apartamentos com área que variam de 110 a 220 metros quadrados. O terreno é resultado da junção de dois lotes e soma a área de 860 metros quadrados. O lote possui um formato irregular, sendo o trecho que se relaciona com a rua a parte mais estreita.

A insolação não foi uma condicionante para a implantação, visto que a disposição dos ambientes poderá ser definida pelo usuário a cada caso e posteriormente sofrer mudanças.

O térreo está localizado acima dos dois pavimento destinados a estacionamento. O primeiro pavimento destinado ao estacionamento está na mesma cota de nível da rua e o outro imediatamente acima. Logo o pavimento térreo não possui integração com a rua, apenas a integração visual.

O portão no nível da rua não está no alinhamento do lote, o que gera uma condição de alargamento da calçada e uma permeabilidade visual, neste nível localiza-se a entrada dos veículos e pedestres. Os pedestres podem chegar ao térreo por um elevador ou por uma escada que serve do pavimento da rua até o térreo.



Figura 5: Foto da elevação lateral direita.

Fonte: Andrade Morettin Arquitetos. Disponível em

<http://www.andrademorettin.com.br/projetos/edificio-rua-fidalga/> Acessado em 15 de maio de 2016

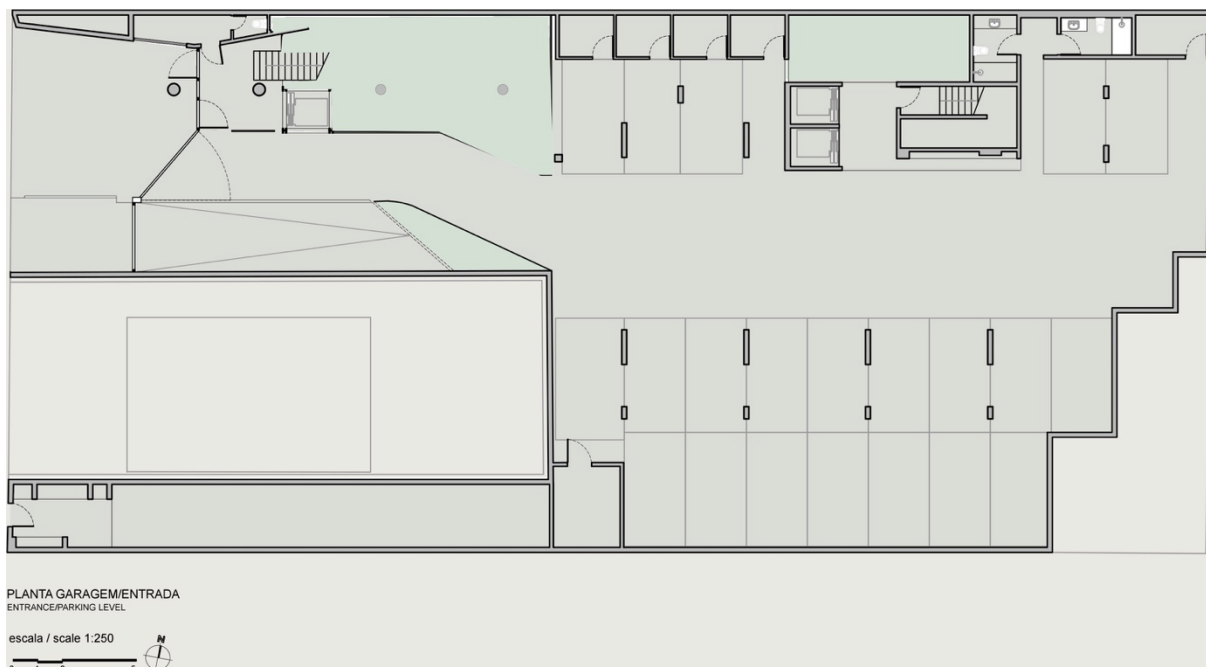


Figura 6: Planta do nível da rua
Fonte: Desenho do autor



Figura 7: Planta do pavimento térreo
Fonte: Desenho do autor

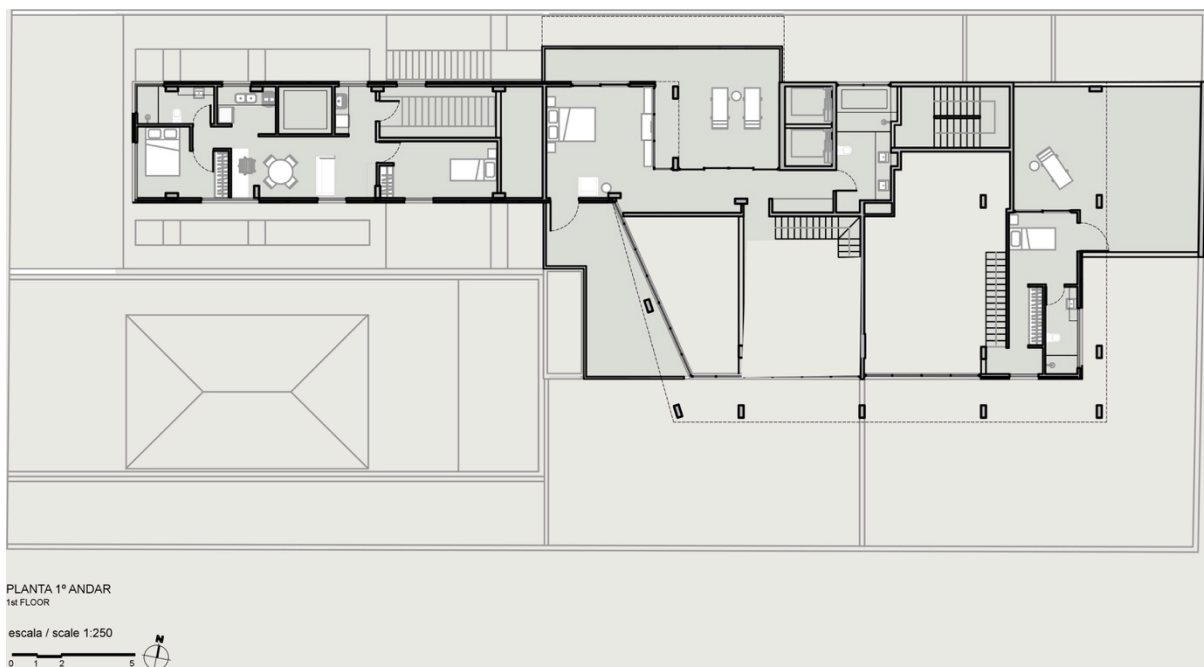


Figura 8: Planta do 1º pavimento
Fonte: Desenho do autor



Figura 9: Planta do 2º pavimento
Fonte: Desenho do autor

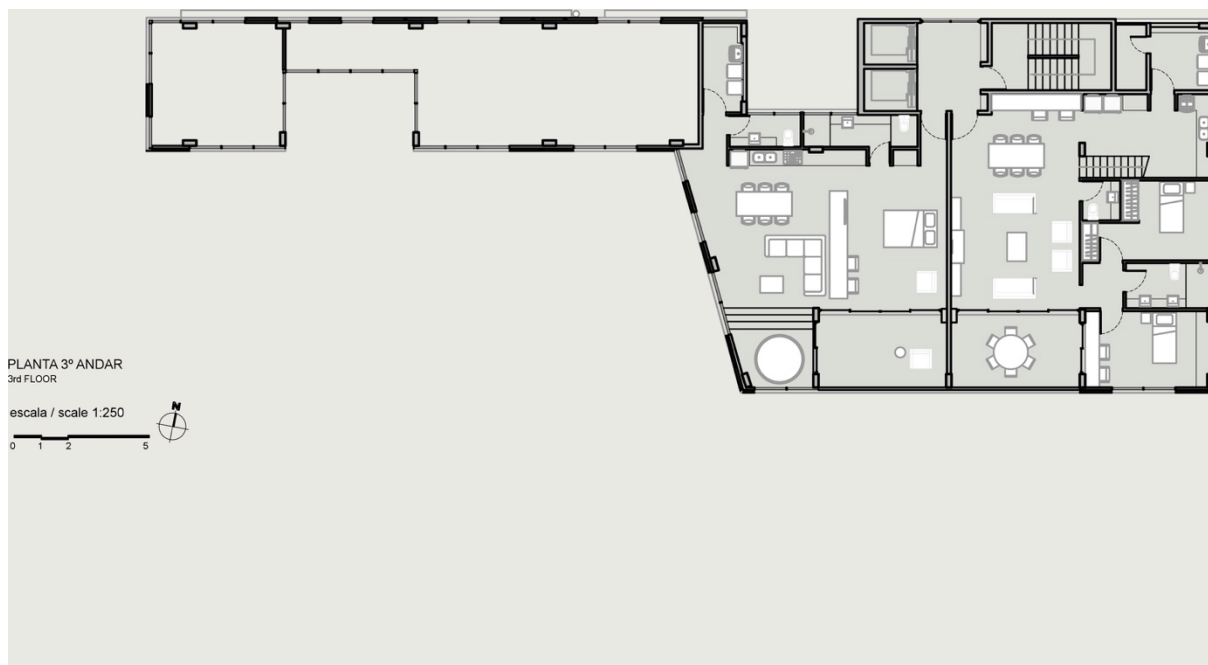


Figura 10: Planta do 3º pavimento
Fonte: Desenho do autor

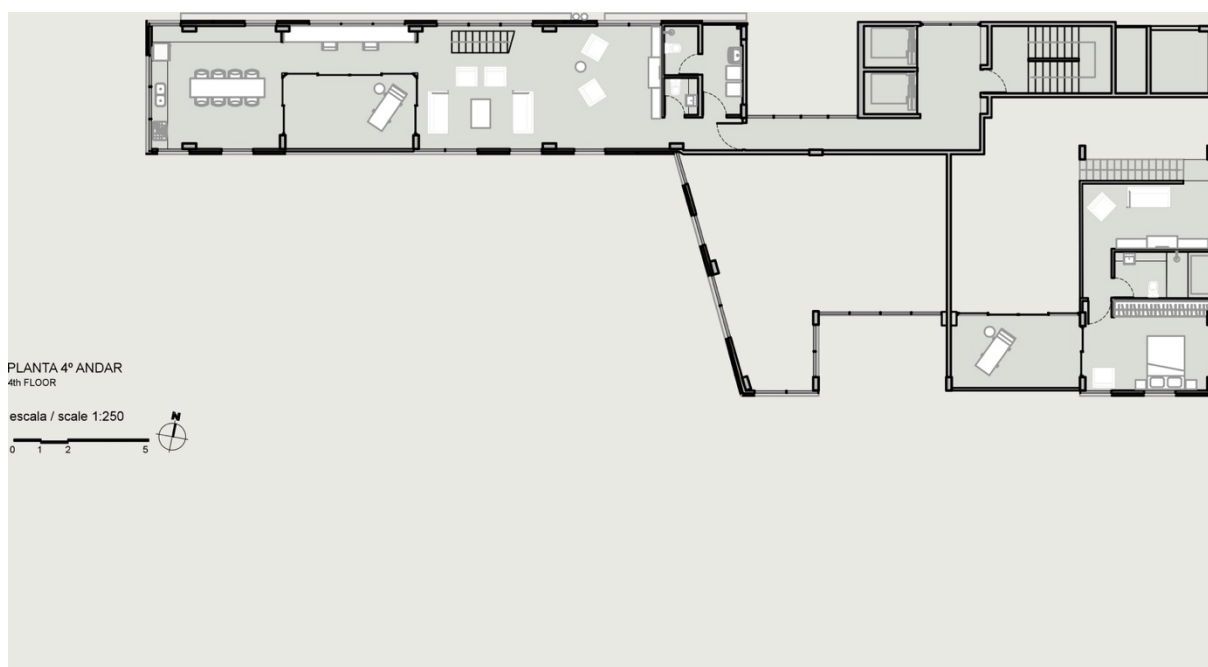


Figura 11: Planta do 4º pavimento
Fonte: Desenho do autor



Figura 12: Planta do 5º pavimento
Fonte: Desenho do autor



Figura 13: Planta do 6º pavimento
Fonte: Desenho do autor

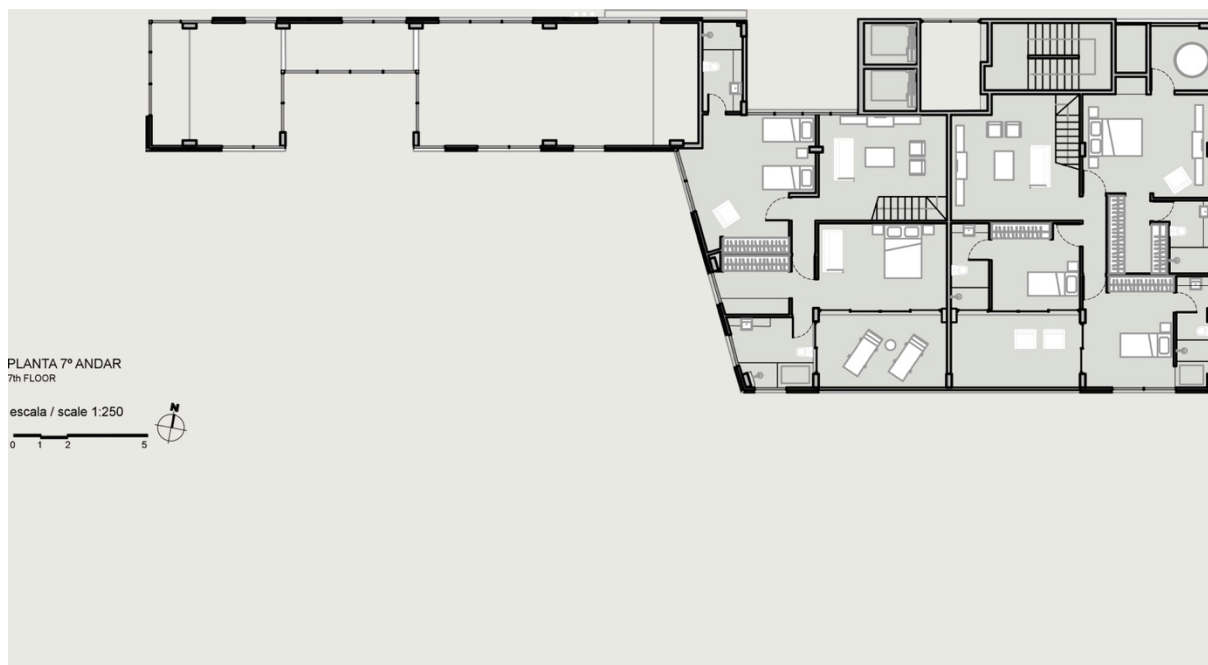


Figura 14: Planta do 7º pavimento
Fonte: Desenho do autor

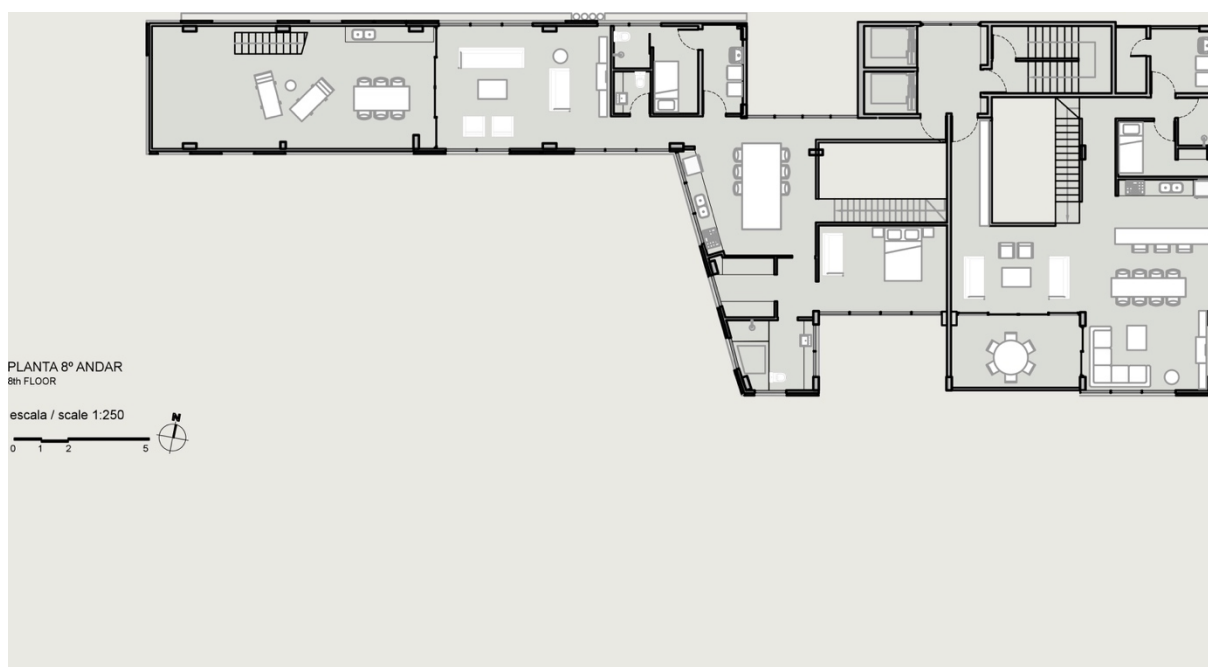


Figura 15: Planta do 8º pavimento
Fonte: Desenho do autor

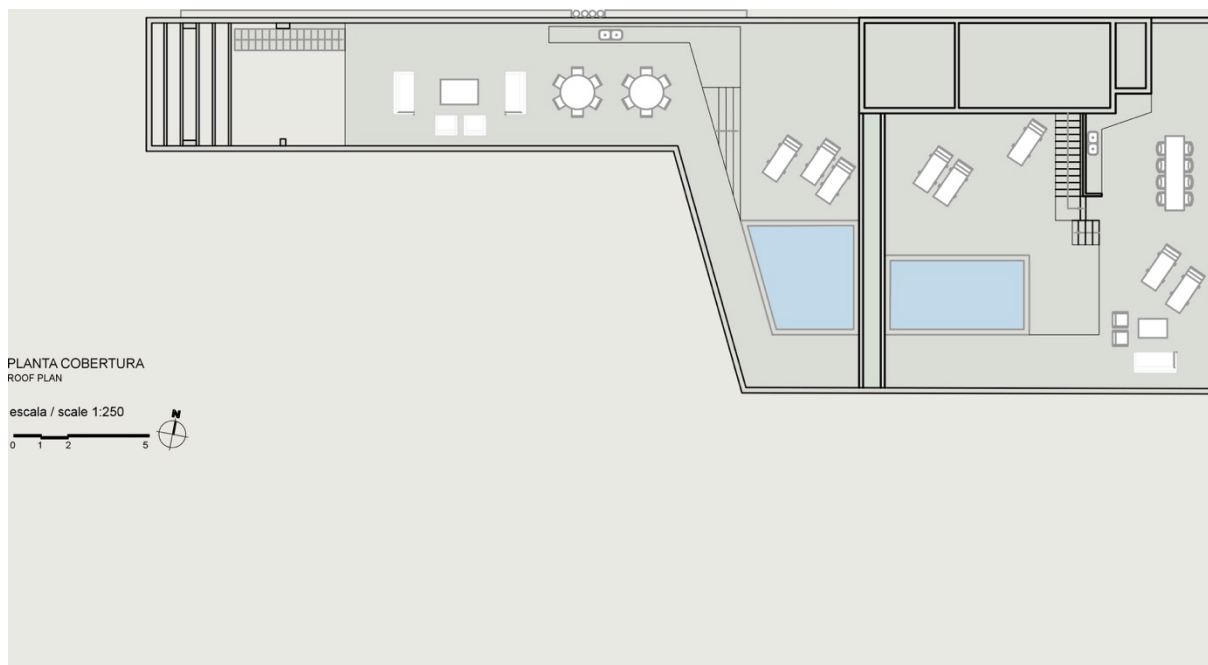


Figura 16: Planta da cobertura
Fonte: Desenho do autor



Figura 17: Corte longitudinal
Fonte: Desenho do autor

3.2 PLANO EXTERNO E O PLANO INTERIOR: DOIS MUNDOS DISTINTOS.

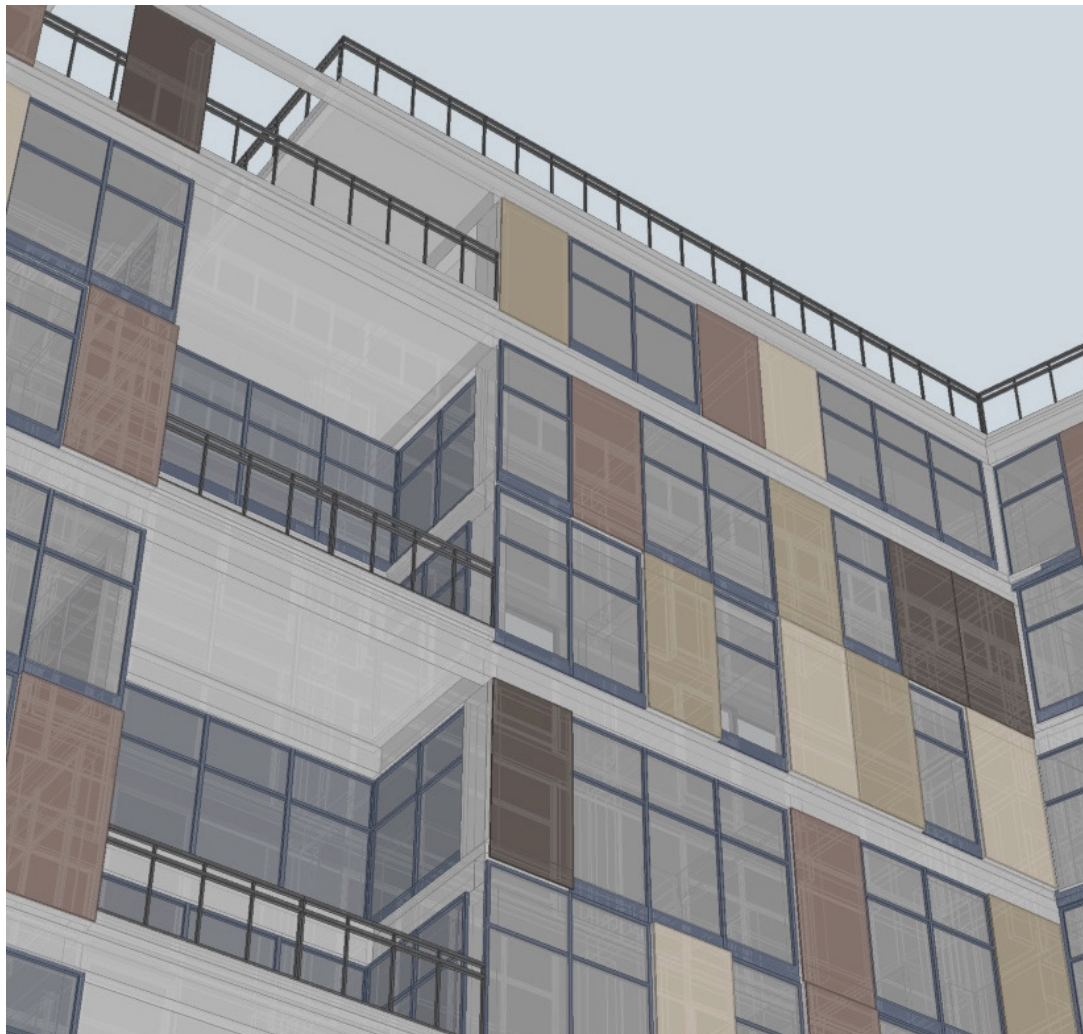


Figura 18: Perspectiva – Vista lateral direita
Fonte: Desenho do autor

Compreender estes planos como mundos distintos é a consequência da ideia de impermanência. Quando a arquitetura é tratada como um suporte de suposições e abriga as alterações feitas ao longo do tempo, o plano externo não é mais um reflexo do plano interior.

A arquitetura é entendida como possibilidade de impermanência, uma estabilidade que ampara a construção de transformações. Para tal, uma materialidade que se transforma no tempo e em velocidades diferentes.

A ruptura da relação entre o interno e o externo suplanta a fachada onde o exterior dá força ao interior e cria uma possibilidade de liberdade sem precedentes. Essa divergência entre a parte interna e externa que Koolhaas (2008) identifica em Nova York e cunha desta maneira o termo Lobotomia Arquitetônica. Define-se como a característica de separar a arquitetura exterior da arquitetura interior pela qual não transparece no mundo externo as mudanças dentro dele, oculta a vida cotidiana. (KOOLHAAS 2008)

A fachada torna-se livre, a pele que envolve o edifício torna-se independente dos usos internos. Koolhaas (2008) identifica que alguns arranha-céus de Nova York abrigam uma

diversidade de funções em uma forma genérica. A dissolução da relação entre o exterior e o interior.

Anteriormente a Koolhaas, o arquiteto também holandês, Herman Hertzberger (1999) pensou sobre a distinção do plano externo e do plano interior. Hertzberger parte da arquitetura funcionalista e a sua obsessão pela eficiência, o que não garantia que toda arquitetura funcionalista fosse igualmente eficaz. Desta forma esse conceito produziu tipos muito específicos que dificilmente resistiram ao tempo. A rápida transformação das necessidades da vida contemporânea tornam as soluções específicas obsoletas. Pondera também que os edifícios do chamado estilo internacional, produziram volumes que podem ser adaptados a múltiplas funções.

Estes edifícios foram pensados de forma neutra, de modo que pudessem abrigar uma vasta quantidade de funções. O que seria um passo à frente, mas essa neutralidade consiste em uma falta de identidade. “O problema da mudança não é tanto uma questão de ter de adaptar e mudar traços característicos, mas antes de tudo, possuir esses traços característicos” (HERTZBERGER 1999).

Segundo este princípio o plano externo sofrerá alterações, ele detém a impermanência também. Sendo uma impermanência que não possui vínculo direto com as funções do plano interno. O plano externo libertou-se do plano interno, porém ele não poderá ser neutro a impermanência. Ou seja, ele possui a sua própria impermanência e propiciará a transformação do plano interno como um suporte.

A ideia de impermanência está na negação de um ponto de vista fixo, ela está na ideia que não existe uma solução que seja preferível a todas as outras. O ponto de partida é que a solução correta não existe, já que o problema a ser solucionado está em um estado permanente de fluxo, é sempre temporário.

O essencial é que a arquitetura seja fluida o suficiente para quando os usuários decidirem dar novos usos ela não perca sua identidade. Isto equivale a dizer que tanto o plano interior como o plano externo deverão possuir a marca das transformações feitas pelos usuários ao longo do tempo.

No Edifício Fidalga 772 os caixilhos foram projetados do piso até a viga de concreto, e são alternados com os painéis de madeira. Existe uma sequência entre planos opacos e planos transparentes, que não possuem uma lógica aparente. Essa aparente falta de lógica traduz a impermanência do projeto, e não revela qual o uso está atrás dos painéis ou caixilhos. O projeto não possui uma hierarquia na fachada que é possível identificar, do lado exterior, os ambientes e os usos interiores.

Andrade e Morettin ao pensar em um projeto que compreende a impermanência desenvolvem o plano interno e o plano externo como dois mundos distintos, ao ponto de não ser fácil de identificar se é um edifício destinado ao uso residencial ou comercial.

Neste contexto atender à transformação passa a ter grande importância e o projeto foi concebido para compreender a possibilidade de apresentar variáveis segundo as circunstâncias e ao longo do tempo. O movimento como questão de espaço que com o passar do tempo se relacionam.

Para isso o maior problema é a flexibilidade das áreas molhadas, e a solução foi elevar o piso da área do box e utilizar vasos sanitários de saída lateral. As tubulações correm na fachada e devido aos vazios nas lajes para passagem das prumadas verticais possibilitam a posição dos banheiros e cozinha em qualquer parte da unidade.

Como o projeto entende as singularidades da vida dos usuários, e isso equivale dizer na singularidade dos espaços, as unidades variam de tamanho e existe uma ausência de pavimento tipo. A solução adotada foi pensar o projeto a partir do corte e alternar o vazio do pé-direito duplo, gerando unidades distintas e uma planta diferente por pavimento.



Figura 19: Perspectiva – Vista frontal | direita
Fonte: Desenho do autor.

3.3 ESTRATIFICAÇÃO: INSTABILIDADE DEFINIDA.

O modo como os espaços são superpostos e relacionados entre si tem grande importância na caracterização da condição espacial interna e formal dos edifícios. A estratificação pode ser a repetição vertical de um único tipo ou pode criar espaços singulares.

Koolhaas usou a integração vertical entre pisos geradas através da criação de vazios nos andares para criar estes espaços na Biblioteca de Seattle.

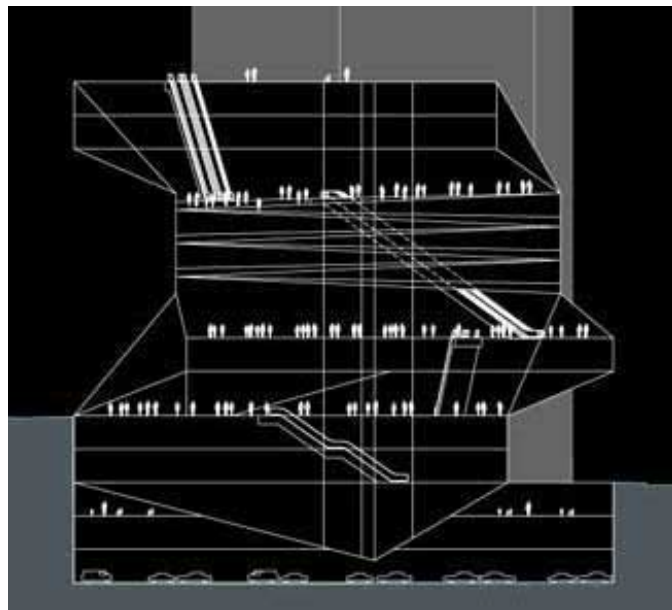


Figura 20: Corte esquemático da biblioteca de Seattle do escritório OMA..

Fonte: Biblioteca publica de Seattle. Disponível em

http://www.spl.org/prebuilt/cen_conceptbook/page24.htm Acessado em 07 de maio de 2016.

A estratificação e a criação de espaços com integração vertical também está na arquitetura moderna e Corbusier usou este artifício na Unité d'Habitation de Marselha onde as unidades habitacionais são divididas em dois pisos que se comunicam verticalmente.

Koolhaas parte desta estratificação e vai além, cria o conceito de seção vertical livre, deste modo a planta como provedora da forma arquitetônica desaparece e a seção torna-se o instrumento gráfico e conceitual da arquitetura.

Sua descoberta deu-se principalmente no livro Nova York Delirante (2008), ao analisar o 'New York Athletic Club'. A partir de uma seção do edifício verificou-se os estratos onde convivem ginásios, piscinas, restaurantes, cafés, hotéis e escritórios.

"A análise que Koolhaas faz do New York Athletic Club se converte em método projetual: de agora em diante Koolhaas construirá os edifícios de grande escala a partir da seção. A forma do edifício – incluindo sua imagem, sua condição icônica – está implícita na seção. (MONEO 2008)

A seção livre é uma derivação do conceito modernista da planta livre, e propõe um novo paradigma, não apenas para pensar as relações espaciais internas ao edifício, mas para redimensionar as relações do edifício com a cidade.

A "planta livre" criou uma ruptura com a estética e o modo de produzir espaços dos modelos históricos, a 'seção livre' continua esse processo de transformação. Este modo de pensar o projeto cria a possibilidade de introduzir uma nova complexidade.

“[...]o espaço metropolitano do século XXI é mais ativo em seção. Nós subimos e descemos em elevadores e escadas rolantes enquanto nossos pontos de observação se abrem e se fecham em uma sequencia incrível.” (VIEIRA 2015)

É oportuno esclarecer o que nos interessa na análise que Koolhaas faz é a estratificação e assim a entendemos como planos superpostos, onde não há restrições para o desenvolvimento de formas de espaços constantemente inovadores, manifesta-se assim a instabilidade definida. A multiplicação do valor do solo permite novas condições à arquitetura, plenamente adaptável as necessidades individuais de cada usuário.

Diferente a cultura da congestão como catalizador social, segundo Koolhaas um estilo de vida da condição metropolitana, o que implica em sobrepor todas as funções possíveis de modo indiferente. Como o edifício Fidalga 772 possui apenas o uso residencial, não encontraremos a utilização deste conceito.

O que também gerou espaços internos completamente singulares, foi a maneira que realizaram a venda das unidades. A incorporadora vendeu o espaço e não as unidades, ou seja o tamanho era adaptável ao comprador e isso mudava a ocupação do edifício na medida que vendiam as unidades. Outra solução que gerou a transformação das unidades habitacionais foi a possível instalação de mezaninos nos espaços com pé-direito duplo. Aumento de área que ficava a critério do comprador ampliar a área da unidade.

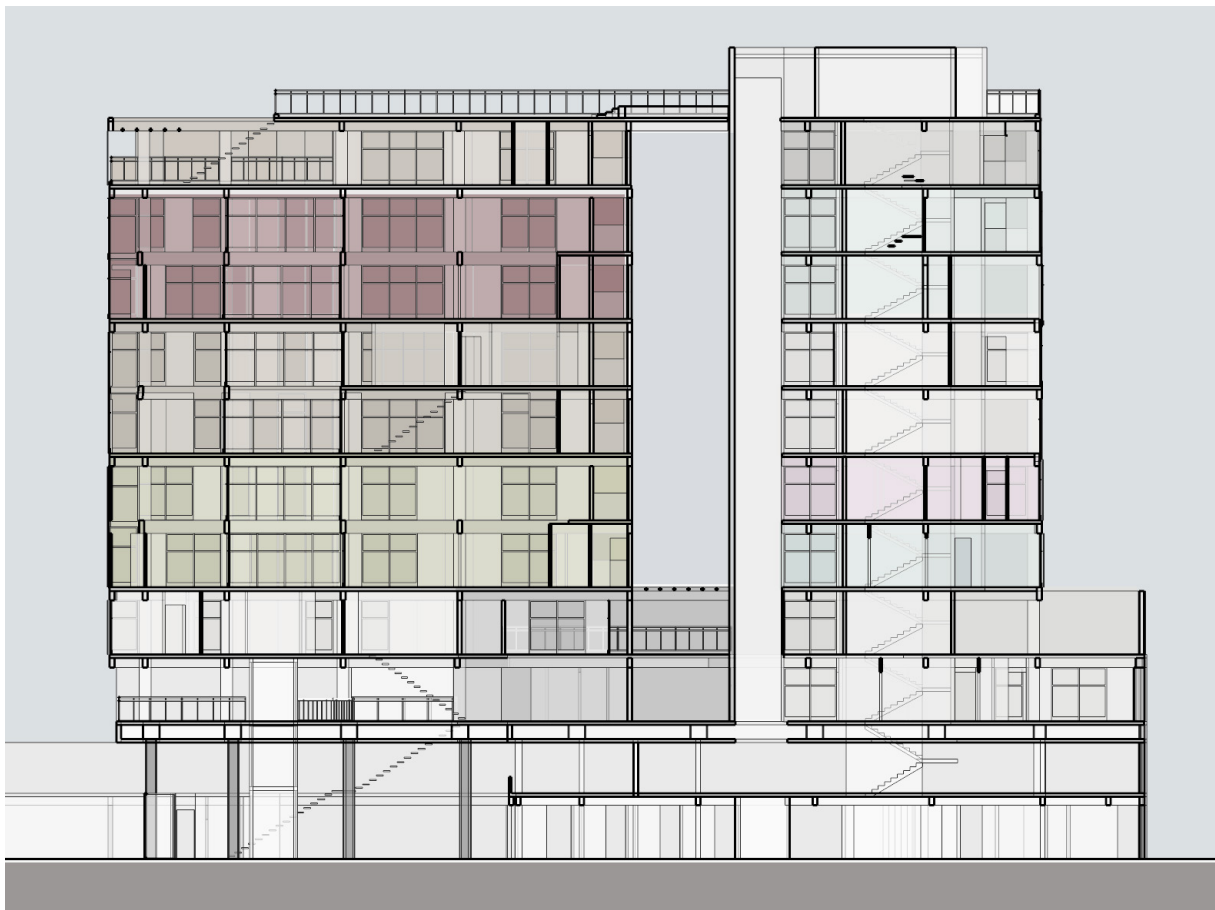


Figura 21: Corte esquemático
Fonte: Desenho do autor

Neste caso a impermanência aparece também na possibilidade de espaços com alturas variáveis.

A estratificação obtida através dos vazios e da morfologia dos pavimentos promete uma impermanência capaz de transformar-se perpetuamente. Com a possibilidade de transformações de plano interno em dois níveis.

As estratificação geraram unidades distintas e uma planta diferente por pavimento. Esta instigante condição espacial fica mais ativa quando analisamos a seção

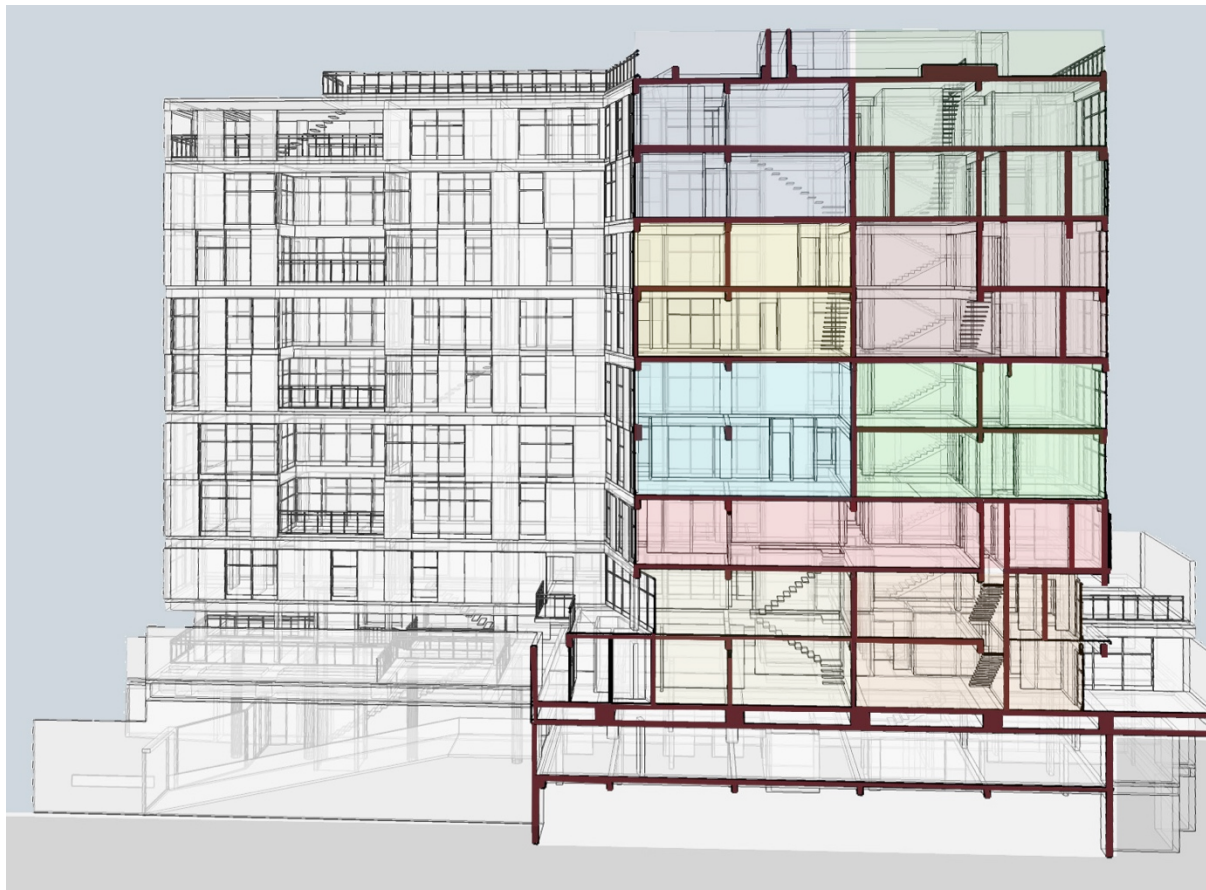


Figura 22: Corte | estratificação dos pavimentos
Fonte: Desenho do Autor.

3.4 Transformações modeladoras: Pavimento tipo

A ideia de tipo está tanto na arquitetura como na filosofia. Para o filósofo Wilhelm Dilthey a teoria de “tipos de visão de mundo” como um estudo das totalidades estruturais inesperáveis das vivências (2001). Na arquitetura tipo é tanto a estrutura interna da forma arquitetônica e como são feitas as articulações entre a planta e a fachada (MONTANER 2012).

O conceito de tipo contemporâneo resulta do pensamento weberiano no qual é possível estabelecer conceitos de tipos ideais com os quais a realidade pode ser medida e quando inadequados devem ser mudados ou revistos. Podemos encontrar a visão de tipo ideal no modernismo com a diferença de almejar a validade universal ao invés do reconhecimento do pluralismo. (MONTANER 2012).

O oposto da planta funcional dos andares idênticos com a uniformidade dos espaços de funções análogas, um conceito prescrito e rigorosamente padronizado. Espaços que não permitirão absolutamente nenhuma mudança fundamental.

Ao prescrever coletivamente onde as pessoas terão de colocar suas mesas e camas – geração após geração – nós estamos produzindo essa uniformidade. Esta cristalização coletiva da liberdade individual de ação atribuiu um objetivo predeterminado a cada lugar da casa [...] e o fez de modo tão pouco inspirado[...] (HERTZBERGER 1999)

A impermanência elimina os padrões de espaços para criar espaços diversos em que as funções possam aparecer e se tornarem formas arquetípicas, ou seja, a disposição das funções no pavimento será adaptável e desta forma sempre um modelo ideal.

O edifício fidalga 772 possui a ausência de repetição de pavimentos, nos oito pavimentos nenhum é similar. Esta proposta de espaços internos diversos é resultado de uma ideia de amparar as transformações para cada usuário. Existe uma relação destes fragmentos internos com a fachada dinamizada pela transformações que ocorrem no tempo.

Contudo verificamos no projeto dos arquitetos as plantas com uma proposta de organização interna das unidades habitacionais, seria o conceito de tipos ideais na visão dos arquitetos, mas pronta para serem modificadas e portanto dissolver o tipo ideal. Um tipo fragmentado que reconhece que se deve oferecer um lugar específico para cada pessoa.

A ausência de pavimento tipo é resultado do conceito de impermanência, onde a transformação não será capaz de produzir pavimentos idênticos, a impermanência nega isso. Sendo a organização dos pavimentos sempre temporária.

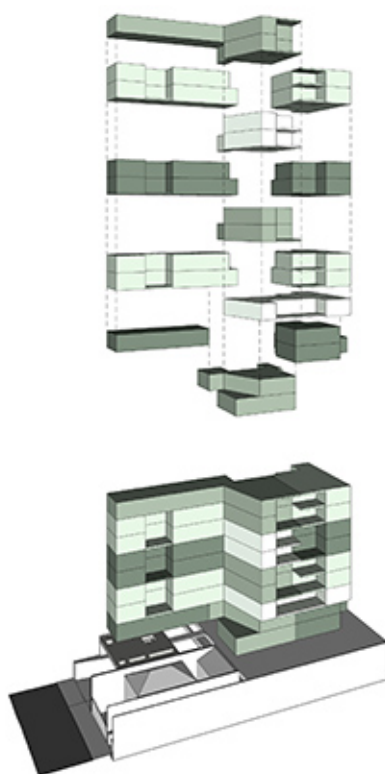


Figura 23: Diagrama das unidades habitacionais..

Fonte: Andrade Morettin Arquitetos. Disponível em

<http://www.andrademorettin.com.br/projetos/edificio-rua-fidalga/> Acessado em 15 de maio de 2016

3.5 Planos Externos

Os planos externos possuem um alto nível de industrialização e desta maneira amparam as mudanças no interior do edifício. O plano externo da força as variações internas, possuem a impermanência como traço característico.

Tanto os elementos opacos - painéis de fechamento em madeira – como os elementos transparentes – caixilhos - são acoplados a seco. As placas de madeira foram fixadas em uma leve estrutura auxiliar de alumínio nas vigas de concreto.

Os planos externos tiveram o revestimento incorporado no momento da fabricação, isto é, chegaram na obra acabados. Eliminando a fase de acabamento destes planos.

Este nível de industrialização é importante para um edifício onde a transformação está incorporada no projeto. Desta forma as instalações passam entre o acabamento externo e o interno. Para solucionar a passagem das instalações nos planos transparentes, foram projetadas uma base opaca na qual possibilita a passagem das instalações.



Figura 24: Foto do embasamento para passagem de instalações.

Fonte: Andrade Morettin Arquitetos.

Disponível em <http://www.andrademorettin.com.br/projetos/edificio-rua-fidalga/>

Acessado em 15 de maio de 2016

3.6 Planos Internos

O projeto foi concebido para atender as necessidades individuais, personalizando as unidades para cada usuário, tanto os primeiros, como os futuros. Para isso o maior problema foi solucionar a flexibilidade das áreas molhadas, a solução foi elevar o piso da área do boxe e utiliza bacia de saída lateral, as tubulações correm na fachada e devido aos vazios nas lajes para passagem das prumadas verticais, possibilitam a posição dos banheiros e cozinha em qualquer parte da unidade.

Como o projeto contempla a impermanência, as unidades variam de tamanho e existe uma ausência de pavimento tipo. Tanto no que diz respeito a organização interna e metragem distintas das unidades. Quanto ao formato dos pavimentos que não se repetem.

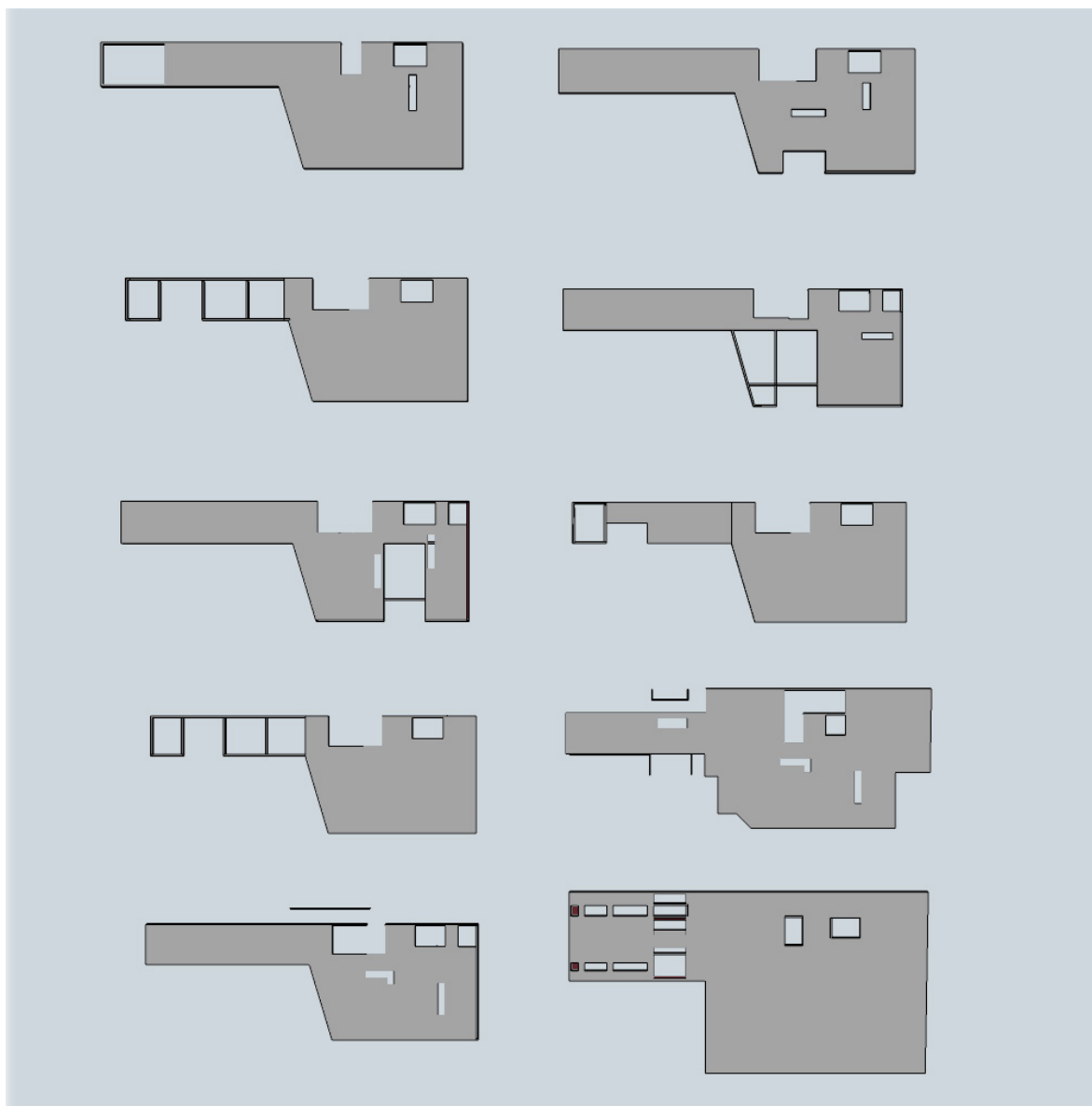


Figura 25: Planta das lajes do térreo até a cobertura | ausência de pavimento tipo
Fonte: Desenho do Autor

3.7 Sistema Estrutural e Técnica Construtiva

O sistema construtivo continua a mesma linha que os arquitetos adotaram em outros projetos, um sistema mais industrializado. O que possibilita uma obra mais rápida e com maior qualidade.

A estrutura (pilar, viga e fundação) foi moldada *in loco*, sendo que os pilares se encontram no perímetro da edificação. A caixa de escada e dos elevadores são de alvenaria tradicional com baixo nível de industrialização.

Os elementos fixos como a estrutura e a caixa de escada, estão locados na periferia da laje. Desta maneira proporcionam a impermanência das mudanças ao longo do tempo.

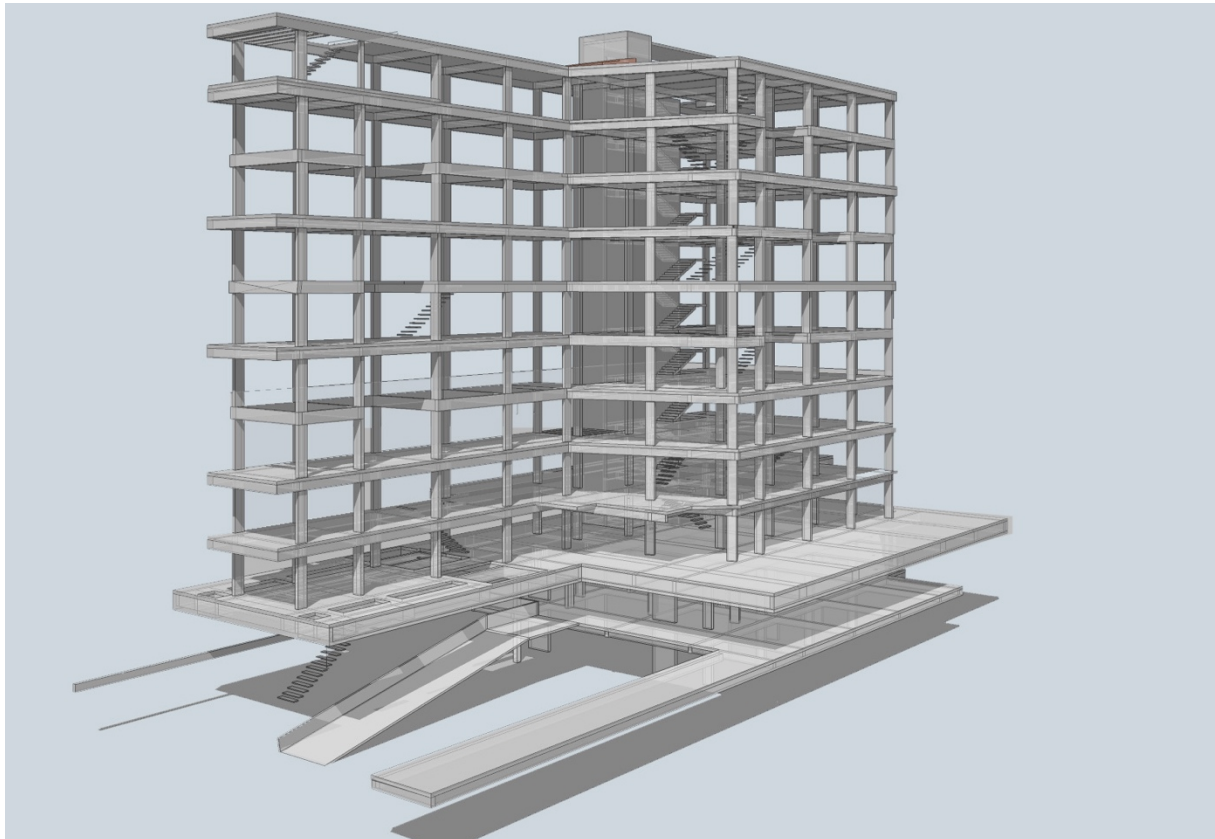


Figura 26: Perspectiva da estrutura moldada *in loco*.
Fonte: Desenho do Autor

Depois desta fase concluída a obra passou a ser construída com peças industrializadas, de forma menos artesanal.

O fechamento externo foi feito com perfis de alumínio, fixados na periferia do edifício, que receberam os caixilhos e os painéis laminados especiais para fachada.

As instalações foram colocadas e fechadas com placas de gesso acartonado, eliminando assim a fase de acabamento externos.

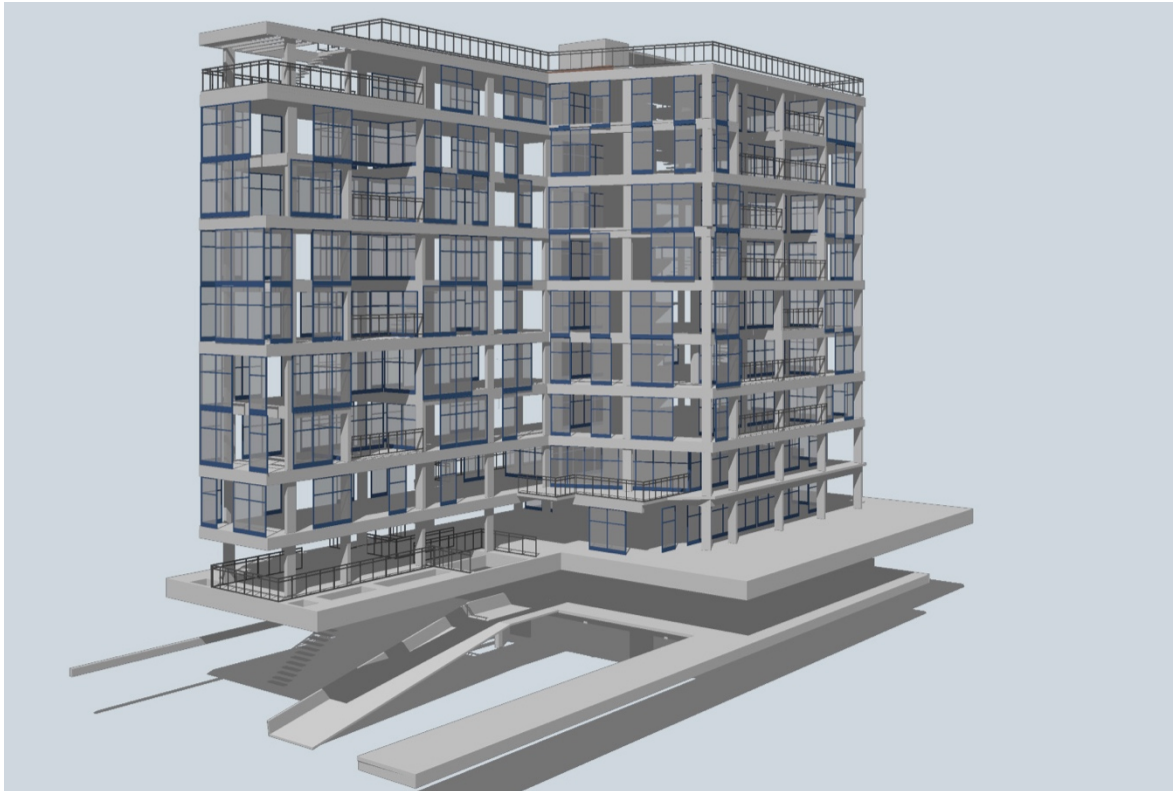


Figura 27: Perspectiva dos caixilhos | estrutura
Fonte: Desenho do Autor

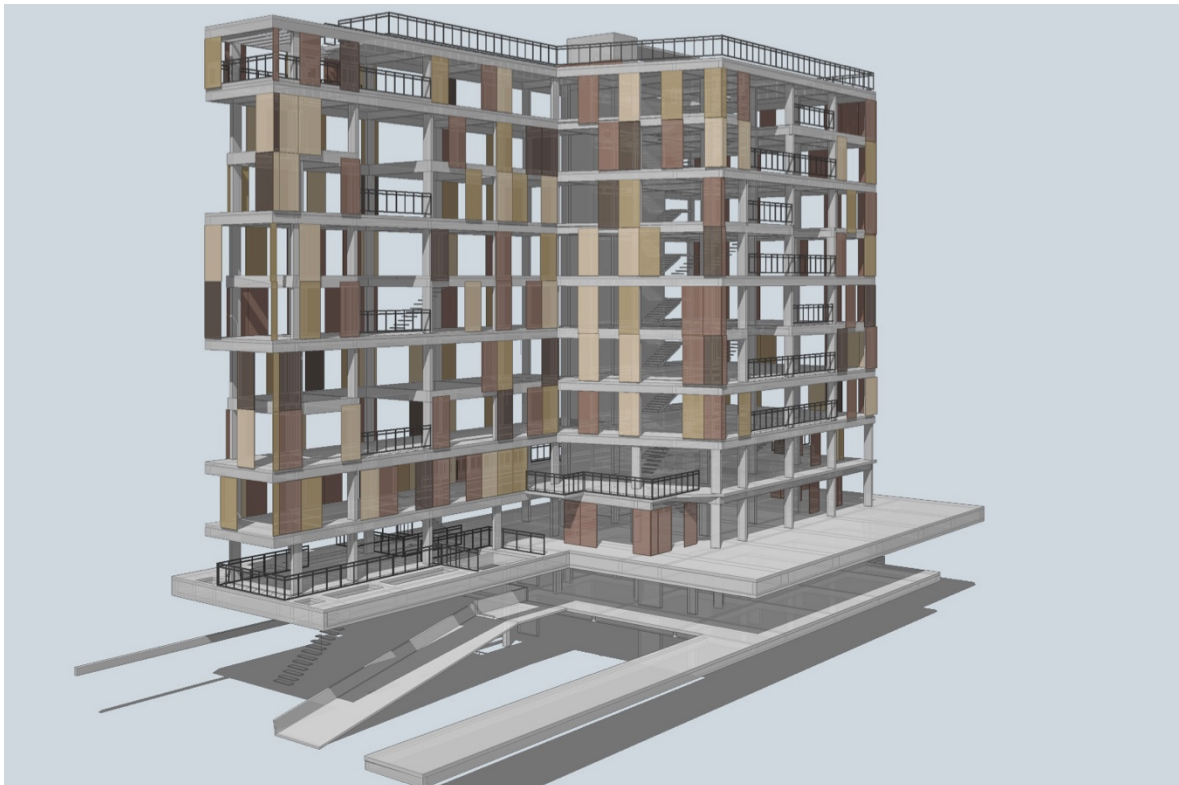


Figura 28: Perspectiva dos painéis de fechamento | Estrutura
Fonte: Desenho do Autor

BIBLIOGRAFIA

- ARGAMBEN, Giorgio. *O Que é o Contemporâneo e Outros Ensaio*s. Chapecó, SC: Argos Editira, 2009.
- BANHAM, Reyner. *Mega Estructuras*. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.
- . *Teoria e Projeto na Primeira era da Máquina*. São Paulo, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro, 1998.
- . *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro, 2005.
- BOGÉA, Marta. *Cidade Errante: arquitetura em movimento*. São Paulo: Senac, 2009.
- . “ZL Vórtice - Construções.” *YouTube*. Edição: TAL. 2013. Online. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o2t33cTofWI> (acesso em 15 de maio de 2016).
- BRANDÃO, CARLOS ANTONIO LEITE. “LINGUAGUEM E ARQUITETURA: O PROBLEMA DO CONCEITO.” *INTERPRETAR ARQUITETURA*. UFMG, 2001.
- COELHO NETTO, J. Teixeira. *A Construção do Sentido na Arquitetura*. São Paulo, 2012.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo: Comentários Sobre a Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro, 1997.
- ECO, Umberto. *Tratado geral de semiótica*. São Paulo, 2009.
- FERRATER, Mora. *Diccionario de Filosofia*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- GUATELLI, Igor. *Arquitetura dos Entre-Lugares: Sobre a Importância do Trabalho Conceitual*. São Paulo, 2012.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna; Uma Pesquisa Sobre as Origens da Mudança Cultural*. São Paulo, 1992.
- HERTZBERGER, Herman. *Lições de Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HOBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos: O Breve século XX 1914-1991*. São Paulo, 1995.
- KOOLHAAS, Rem. *Nova York Delirante*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- . *Três Textos Sobre a Cidade: Grandeza, ou o Problema do Grande; A Cidade Genérica; Espaço-Lixo*. São Paulo, 2014.
- KOOLHAAS, Rem, Peter EISEMANN, e Brett. STEELE. *Supercrítico: Peter Eisenman, Rem Koolhaas*. São Paulo, 2013.
- KOOLHAAS, Rem. *Conversas com Hans Ulrich Obrist*. Colônia, 2006.
- LEUPEN, A B. *Proyecto y análisis*. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.
- LEUPEN, Bernard. *Proyecto y Análisis: Evolución de los Principios Em Arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.
- MACIEL, Carlos Alberto. *ARQTEXTOS*. 02 de 05 de 2002. <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/02.024/785> (acesso em 24 de 02 de 2016).

- MARCONDES, Flavio. "Reflexão Vivencial Sobre a Produção Arquitetônica na Cidade de São Paulo: Do Moderno ao Contemporâneo." Tese de doutorado(Arquitetura e Urbanismo), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.
- MONEO, Rafael. *Inquietação Teórica e Estratégia projetual na obra de oito arquitetos contemporâneos*. São Paulo, 2008.
- MONTANER, J. MARIA. *Sistemas Arquitetônicos Contemporâneos*. Barcelona, 2009.
- MONTANER, JOSEP MARIA. *A Modernidade Superada: Ensaio sobre Arquitetura Contemporânea*. São Paulo: Gustavo Gili, 2012.
- . *ARQUITETURA E CRÍTICA*. BARCELONA: GUSTAVO GILI, 2007.
- MONTANER, Josep Maria. *As Formas do Século XX*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.
- NESBITT, KATE. *UMA NOVA AGENDA PARA A ARQUITETURA*. São Paulo: COSACNAIFY, 2008.
- . *UMA NOVA AGENDA PARA A ARQUITETURA*. SP: COSACNAIFY, 2008.
- OLIVEIRA, S. Beatriz, Guilherme LASSANCE, Gustavo ROCHA-PEIXOTO, e Laís. BRONSTEIN. *Leituras em Teoria da Arquitetura Vol.1*. Rio de Janeiro , 2009.
- ONUKI, Fábio Massami. "Aimberê e Simpatia. Modelos para o mercado." Dissertação (Mestrado Arquitetura), FAUUSP, São Paulo, 2013.
- RAJA, Raffaele. *Arquitetura Pós-Industrial*. . São Paulo, 1993.
- REBELLO, Yopanan Conrado Pereira. *A Concepção Estrutural e a Arquitetura*. São Paulo: Zigurate, 2000.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: EDUSP, 2002.
- SERAPIÃO, Fernando. "Andrade Morettin." *MONOLITO*, 04/05 de 2011.
- SYKES, A. Krista. *O Campo Ampliado da Arquitetura: antologia teórica (1993-2009)*. São Paulo, 2013.
- UNWIN, Simon. *A Análise da Arquitetura*. Porto Alegre: Bookman, 2013.
- VENTURI, Robert, Denise Scott Brow, e Steven. Izenour. *Aprendendo com Las Vegas*. . São Paulo, 2003.
- VENTURI, Robert. *Complexidade e Contradição em Arquitetura*. . São Paulo , 1995.
- VIEIRA, Julio Luiz. "Vias de aproximação para uma leitura da condição espacial na arquitetura ." Tese de doutorado, FAU USP, São Paulo, 2015.
- WAISMAN, NARINA. *O INTERIOR DA HISTÓRIA*. SAO PAULO: PERSPECTIVA, 2013.
- ZULIN, Fabricia. "Habitar Coletivo: Obras Diferenciadas Contemporâneas em São Paulo." Dissertação (Mestrado Arquitetura), FAUUSP, São Paulo, 2013.